

# IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

## ASSIGNATURA

Anno, 8\$000—6 mezes 5\$000. Tanto para cidade como para fóra.

PROVINCIA DE S. PAULO

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

## COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR—FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

## CONDIÇÕES

Publicações e annuncios pelo preço que se convençiona.

BRAZIL

Anno II

Ytu, 29 de Abril de 1877.

N. 62

## IMPRENSA YTUANA

YTU, 29 DE ABRIL DE 1877.

### O Systema Pessimista

Grande é o numero de homens na sociedade, que abração a este systema, como o meio mais seguro, como uma verdade practica e infallivel na vida, para obterem a felicidade almejada.

Elles pensão, que adoptando como norma para as acções humanas, o mal, jámais poderão ser enganados, evitando assim as decepções na vida.

Contando sempre com o mal, o bem para elles será uma surpresa agradável, e por isso mesmo serão mais felizes.

Eis em resumo o que são os pessimistas.

Procurão ver e achar sempre, em todos os actos da vida, n'essa evolução progressiva do homem para o aperfeiçoamento, o movel constante do interesse.

Considerão, que no facto o mais heroico, assim como no facto ordinario da existencia, no mais insignificante acto, ha sempre o movel do interesse, ou ha um mal que impelle o homem, e constitue assim o motivo de suas acções. E d'este modo procurão mearrear, e mesmo destruir toda gloria, ou grandesa humana.

Por alguns, é este systema abraçado sem restricções, absolutamente; e por outros, é accedido parcialmente.

Os primeiros, consideramos scepticos, porque não crêem no impulso generoso e nobre do homem, na practica de qualquer acto, e que constitue a boa intencionalidade, completamente desinteressada, e como elemento puro, concorre para a formação mais e mais perfeita da sociedade.

Os segundos, não são propriamente scepticos, porque duvidão, ou só crêem parcialmente; e assim esperão a evidencia para se convencerem da boa ou má intencionalidade, ou do movel desinteressado, ou egoistico na practica de um acto qualquer. Os primeiros negão, tendo em face os mesmos principios, o mal, e o interesse, de qual quer ordem que sejam. E os segundos, não affirmam, e nem negam, marchando á certesa pela duvida, só esperão um facto, a evidencia, para se decidirem, e pronunciarem, se tal practica é legitima ou não, e se ha gloria, ou não por parte do seo auctor.

Não assim o optimista, que só procede, attribuindo ao homem, um movel bom, generoso, util, na practica de qualquer acto.

E só espera, que se prove inteiramente o contrario, que se fassa evidente, que elle está em erro, para então poder negar a gloria ao seo semelhante; mas o optimista, está sempre disposto a admittir o bem, a gloria, e a virtude, e só por excepção a aceitar o mal, no facto da existencia e desenvolvimento humano.

E não é tão sympathico, aquelle que procede de um modo generoso e grande, quando trata de pronunciar-se, ou

faser justiça ao seo semelhante?!

Na pratica de um acto, em si bom, e tambem em seus resultados, não vacilla o optimista, em dar-lhe uma origem nobre no coração que o produziu; e não vai a esquadrinhar, esmerilhar, qual seria o motivo, o movel, que impellisse o seo auctor a pratical-o assim, dando logo, como faz o pessimista, o interesse, ou alguma particularidade que elle desconhece, mas que é indigno do homem, como a causa, ou origem do mesmo acto.

Não, não deve ser esta, a norma de nossa conducta; e sim, unicamente o bem, quando tratarmos de avaliar o facto, resultado do procedimento humano.

Só por excepção, devemos aceitar o mal, quando não pudermos mais, ou de todo nos for impossivel admittirmos o bem.

Entendo ser este o principio mais seguro, e mesmo o mais praticavel na vida, por ser mais condigno com a natureza racional do homem.

Sendo este o principio moral, e certo, é o unico que deve ser accedido, e acatado, já pelo proprio individuo, e já pela sociedade; porque assim não teremos occasião de exprobrarmos os nossos juisos, pensamentos, ou a consciencia finalmente, quer em relação a nós, quer em relação aos nossos semelhantes.

O homem nada tem a perder, em ser grande, nobre, quer se trate do pensamento, quer das suas proprias palavras, e acto finalmente; porquanto, terá sempre o contentamento intimo,

a satisfação profunda em sua alma, que cumprio o dever, procedendo de conformidade com os dictames de sua consciencia, fazendo tudo de sua parte, tudo quanto estava em suas forças, afim de, a mais leve accusação não pezar sobre a sua honra, procurando tambem d'este modo dar o exemplo a sociedade, mostrando, o quanto póde a fé e a sciencia.

E este homem será feliz, porque vive no seo da verdade, da consciencia; e esta de nada o accusa: antes, voltada para o Céu, medita sobre a immortalidade e a gloria.— e ahí haverá paz, e tranquillidade, porque tudo fizesstes, por amor do teo Deos.

Não pensa assim o positivista, porque extranha é a sua philosophia: entende que a natureza de um facto, se mede pelas suas consequencias, e nada temos portanto a ver com o principio ou movel que o gerou.

Para elle não ha Deos, nem Providencia; sim, e unicamente a consciencia e a razão humana. O mundo nada tem a pedir a Deos, porque este não existe. Ha a vida e a morte. Ao homem cumpre faser o bem possivel, e trabalhar; porque só assim poderá encontrar a felicidade.

Quanto ao facto da morte, e depois da morte, a eternidade, qu'importa o saber para o progresso do mundo?

O positivista, só conta com a experiencia, e com a razão, e só tem em vista o facto, e seus resultados, enada mais.

Não é pessemista, nem optimista, porque pouco, ou nada importa com os motivos determinadores da acção humana. I. B.



## AVATAR

Por

Theophile Gautier.

Traduzido

por

SALVADOR DE MENDONÇA.

(Continuação do N. 61)

VIII

« Ella nunca me ha de amar, nunca, nunca! Li em seus olhos tão meigos essa phrase tão cruel que o Dante não achou outra mais crua para inscrever sobre as portas de bronze da Cité Dolente: — Perdi toda a esperança. — Que fiz eu a Deus para ser condemnado em vida? Amanhã, depois, sempre, será o mesmo! Podem os astros cruzar as suas orbitas, unir-se, em conjuncção as estrellas, no meu destino nada ha de mudar. Com uma palavra, ella dissipou o sonho; com um gesto, cortou as azas á chimera.

« As combinações fabulosas das impossibilidades não me promettem probabilidade alguma; as cifras, atiradas um milhão de vezes na roda da fortuna, nada tirariam: para mim todos os numeros são brancos!

« Desventurado que sou! sei que o paraíso está para mim fechado e continuo estupidamente assentado ao limiar, com as costas arimadas á porta, que se não deve abrir, e choro em silencio, sem abalo, quasi sem communicação, como si meus olhos fossem fontes de espontaneas aguas. Não tenho a coragem de erguer-me e lançar-me no deserto immenso ou na Babel tumultuosa dos homens.

« A's vezes, quando á noite não posso dormir, penso em Prascovia; si durmo, sonho com ella. Oh! como era bella nesse dia, no jardim da villa Salvaiti, em Florença! Esse vestido branco e essas fitas negras eram um encanto e um pensamento! Branco para ella, negro para mim! A's vezes as fitas, agitadas pela brisa, formavam uma cruz sobre o fundo de admiravel alvura; um espirito invi-

sivel dizia em segredo uma missa por morte do meu coração.

« Si alguma catastrophe inaudita povesse em minha frente a coroa dos imperios e dos califados; si da terra jorrassem para mim as veias de ouro; si as minas de diamantes de Goiconda e de Visapour deixassem-me enranhar nas suas matizes brilhantes; si a lyra de Byron acordasse sob meus dedos; si os mais perfeitos primores da arte antiga e moderna emprestassem suas bellezas; si eu descobrisse um novo mundo, ainda assim nada teria adiantado!

« De que depende o destino! pretendia ir á Constantinopla: não a houvera encontrado; fico em Florença, vejo-a e morro.

« Ha muito ter-me-hia suicidado; mas ella respira neste ar de que vivemos e talvez meus labios avidos tenham de aspirar — oh infavel ventura! — um effluvio longiquo desse halito balsamico; e depois degradariam minha alma culpada para algum planeta de exilio, e na outra vida jámais podê-la-hia reduzir a amar-me. Viver ainda separados da eternidade, ella no paraíso, eu no inferno: oh pensamento acobruhador!

« E porque hei de eu amar precisamente a unica mulher que não póde amar-me! outras que dizem bellas, que eram inteiramente livres, davam-me os seus mais ternos sorrisos e pareciam aguardar uma confissão que não apparecia. Oh! como elle é feliz! De que sublime viver anterior recompensa Deus como o dom magnifico deste amor? »

... Era inutil continuar a lêr.

Qualquer suspeita, que o conde pudesse ter concebido á vista do retrato de Prascovia, desvanecêra-se ás primeiras linhas destas tristes confidencias. Compreendeu que a imagem adorada, recomçada mil vezes, fóra cuidada longe do modelo com a paciencia fatigavel do amor desgraçado, e que era apenas a madona de uma pequena ermida mysteriosa, deante da qual se ajoelhava a adoração sem esperança.

— Mas si este Octavio tiver feito um pacto com o demonio para roubar-me o corpo e sob a minha forma colher de surpresa o amor de Prascovia!

O inverosimil, no decimo nono seculo, de uma tal suppesição, fez com o conde a abandonasse, postoque o singularmente perturbado.

Sorrindo comsigo mesmo da sua cegueira, comeu, já frio, o almoço que João

nunciara, vestiu-se e pediu o carro.

Logo que estava posto, dirigiu-se á casa do doutor Balthazar Cherbouneau; atravessou essas salas, em que na vespera entrara chamando-se ainda conde Olaf Labinski e de onde sahira saudado por todos com o nome de Octavio de Saville.

O doutor estava assentado, como de costume, no divam do aposento do fundo, segurando nas mãos um dos pés, e parecia mergulhado em profundo meditar.

Ao ruido dos passos do conde, o doutor levantou a cabeça.

— Ah! é o senhor, meu charo Octavio; agora mesmo ia á sua caça; mas é bom signal quando o doente vem visitar o medico.

— Sempre Octavio! disse o conde, creio que hei de ficar doudo de raiva! Depois, cruzando os braços, collocou-se deante do doutor, e encarando-o com fixidez terrivel:

— Sabe muito bem senhor Balthazar Cherbouneau, que eu não sou Octavio, mas sim o conde Olaf Labinski, pois que hontem á noite, aqui mesmo, roubou-me o corpo por meio das suas magias infernaes.

A estas palavras o doutor desandou numa enorme garalhada, atirou-se para traz sobre as almofadas do divan e poz os punhos ao peito para conter as convulsões da sua alegria.

— Modere, doutor, esta alegria intempestiva, de que se poderá arrepender. Olhe que fallo serio.

— Tanto peor, tanto peor! isto prova que anesthesia e a hyecondria, de que o tratava, mudam-se em loucura. Será preciso mudar apenas de tratamento.

— Não sei porque não o estrangulo, medico do inferno! exclamou o conde adeantando-se para Cherbouneau.

O doutor riu-se da ameaça do conde, que tocou com a extremidade de uma varinha de aço. Olaf de Saville soffreu uma commoção terrivel e pareceu-lhe que tinha o braço quebrado.

— Oh! nós outros temos os meios de aquietar os doentes que se engrilham, disse elle deixando cahir sobre Olaf esse olhar gelado como uma dúcha, que doma os loucos e faz cahir sobre o ventre os proprios leões. Volte para casa, tome um banho, esta superexticção se acalmara.

Olaf de Saville, aturdido pela carga electrica, sahio da casa do doutor Cherbouneau mais incerto e mais perturbado que nunca. Man-

dou seguir para Pasy para casa do doutor B., afim de consultá-lo.

— Estou dominado, disse ao celebre medico, por uma singular hallucinação; quando me olho ao espelho, o meu rosto não apparece com os seus traços habitues; a fórma dos objectos que me cercam está mudada; não reconheço nem as paredes nem os moveis da minha camara; parece-me que já não sou o mesmo.

— Sob que aspecto vê-se? perguntou o medico; o erro póde provir dos olhos ou do cerebro.

— Vejo-me de cabellos negros, de olhos azul-escuros, de rosto pallido e barbaro.

— Os signaes de um passaporte não seriam mais exactos; não soffre nem de hallucinação mental, nem de molestias de vista. E' com effeito tal e qual como se vê.

— Não! Tenho cabellos louros, olhos negros, tez queimada, e bigode fino á hungara.

— Nisto, observou o medico, começa uma leve alteração de faculdade intellectual.

— Entretanto, doutor, eu não estou doudo.

— Sem a menor duvida. Só quem está em seu juizo póde vir sósinho á minha casa. Alguma fadiga, algum excesso de estudo ou do prazer é a causa desta perturbação do seu estado normal. Engana-se; a visão é uma realidade, a idéa é que é chimera: em vez de um homem que se vê moreno, o senhor é um homem moreno que se julga louro.

— Todavia estou certo de ser o conde Olaf de Labinski e todos de hontem para cá chamam-me de Octavio de Saville.

— E' juntamente o que eu dizia, respondeu o medico. E' o senhor de Saville e imagina ser o senhor conde de Labinski, que me lembro ter visto e que é realmente louro. Isto explica perfectamente o modo por que se vê differente ao espelho; este rosto, que é o seu, não corresponde á sua idéa interior e fixa e isso o sorprehende. Basta só reflectir nisto — todos o chamam Octavio de Savilla e por consequencia não partilham a sua crença.

Venha passar aqui uns quinze dias: banhos, repouso, passeios sob o arvoredo hão de dissipar esta importuna mania.

O conde abaixou a cabeça e prometteu voltar. Já não sabia mais em que acreditar. Tornou para o aposento da rua de S. Lazaro e viu por acaso encima da mesa o cartão de convite da condesa Labinska, que Octavio mostrára a Cherbouneau.

— Com este talismã, disse elle, amanhã poderei vê-la!

(Continúa)

## COLLABORAÇÃO

## A Electricidade.

A sciencia da electricidade é inteiramente moderna. Tudo o que os antigos nos transmittiram a respeito d'esta materia, foi o conhecimento da propriedade que tem o ambar amarello de attrahir os corpos leves. Thales entre os gregos, 600 annos antes da era christã, Plinio, entre os romanos, no primeiro seculo da mesma era, nada mais sabiam da electricidade de que o facto vulgar da attração dos corpos leves pelo ambar e pelo azeviche. E' porque a philosophia antiga desviava os olhos dos objectos terrestres para se dar toda á contemplação das idéas abstractas. Os antigos, que tanto aprofundaram as sciencias moraes e philosophicas, não tinham nenhuma noção exacta sobre as sciencias physicas.

A philosophia da idade media, que mais profundava as palavras do que as cousas tambem não estava no caso de descobrir e desenvolver a parte da sciencia que nos occupa. E' preciso esperar até aos fins do seculo XVI para ver nascer o estudo da electricidade, ao mesmo tempo que o methodo experimental nas sciencias.

Guilherme Gilberto, medico da rainha Isabel d'Inglaterra, depois de estudar o phenomeno da attração do ferro pelo iman, concebeu a idéa de examinar o da attração dos corpos leves pelo ambar, que lhe parecia com justo motivo um facto da mesma ordem. Para faser essas experiencias, suspendia uma agulha leve, e semelhante á das nossas bussolas, sobre um ponteiro de ferro; como na bussola, esta agulha era excessivamente movivel: a menor attração electrica a fazia rodar.

Gilberte lembrou-se tambem logo de averiguar se outros corpos que não o ambar e o azeviche gosavam da propriedade electrica. Reconheceu então que o diamante, a saphira, o rubi, a opala, o vidro, o enxofre, o lacre, a resina, etc., attrahiam tambem a sua agulha sendo precisamente friccionadas. Gilberto fez ainda outras experiencias, mas não pode inferir nenhuma conclusão geral. Era porque lhe faltava um instrumento para faser observações rigorosas; não havia empregado, no decurso de suas experiencias, senão um tubo de materia electricavel, que friccionava com um pedaço de panno de lã, e aproximava depois de um corpo leve em forma de agulha, e suspenso em um eixo,

Foi um burgomestre da cidade de Magdeburgo, chamado Otto de Guericke, que, cerca de 1650, construiu a primeira machina electrica que os physicos tiveram a sua disposição. Consistia esta em uma esphera de enxofre, que se fazia girar rapidamente á mão com uma manivela, e com outra mão, se friccionava com um pedaço de panno.

Um physico inglez, Hauksbee, substituiu o globo de enxofre da madeira de Otto por um cylindro de vidro que se fricciona com a mão, e formou uma machina electrica mais forte. Infelizmente para a sciencia, não se adoptou este instrumento; e readoptou-se o tubo de vidro de Gilberto, que se friccionava com um panno de lã. Por meio de duas rodas de madeira, faz-se rodar um cylindro de vidro, e collocava-se a mão sobre este cylindro, quando girava, para o electrizar com o friccionamento.

Em 1729, Grey e Wehler, physicos inglezes, fiseram uma descoberta capital: a do transporte da electricidade ao longo de certos corpos, a que elles chamaram *conductores*.

No decurso de suas bellas experiencias foram esses dous physicos indusido a dividirem os corpos em corpos *conductores* e corpos não *conductores* da electricidade. Grey e Wehler reconheceram que o vidro, a resina, o enxofre, o diamante, os oleos, e'c, param o transporte do fluido electrico conquanto que os metaes, os liquidos

acidos os alcalinos, a agua, os corpos animaes, etc., o deixam passar livremente.

Estes physicos haviam portanto des coberto o transporte a electricidade a distancia, e além d'isso dividido os corpos da natureza em *electricos* e *não electricos*. isto é, em maus e bons *conductores*. Foram os dous primeiros passos, mas dous passos immensos, na sciencia da electricidade, que acabava de nascer.

Até aquella época os factos observados no estudo experimental da electricidade eram bastante numerosos, mas extremamente confusos. Era necessario relacionar-as, explical-as, em uma palavra, crear a theoria da electricidade. Dufay, uaturalista e physico francez, membro da academia das sciencias, e predecessor de Buffon no cargo de director do jardim das plantas de Paris, teve a honra de lançar os alicerces desta theoria. O sistema de explicação dos phenomenos electricos, imaginado por Dufay, tem permitido até hoje explicar todos esses phenomenos de um modo simples e commodo.

Grey havia dividido os corpos em *electrisaveis* e *não electrisaveis* pela fricção. Dufay provou que todos os corpos são *electrisaveis*, com tanto que sejam isolados, por outra, armados de um cabo de resina ou vidro. Mostrou mais que as substancias organicas não devem a conductibilidade senão á agua que encerram.

Mas o verdadeiro titulo de gloria de Dufay consiste em ter estabelecido os dous principios theoricos seguintes, que formulou por estas palavras:

« 1.º Os corpos *electrisados* attrahem todos os que os não forem e repellem os que se *electrisaram* pela proximidade ou contacto de algum corpo *electrisado*.

« 2.º Ha duas especies de electricidade, diferentes uma da outra: a electricidade *vitrea* e a *resinosa*. A 1ª é a do vidro, das pedras preciosas, da lã, e pellos etc; a 2ª é a do ambar, da seda, do linho, etc. O distinctivo de ambar é o *repellirem-se* a si proprias e *attrahirem-se* uma á outra. Assim, um corpo animado de electricidade *vitrea* repelle todos os outros da mesma natureza, e *attrahem*, pelo contrario os de electricidade *resinosa*. Do mesmo modo os *resinosos* attrahem os *vitreos*.

(Extr. de FIGUIER)

(Continua.)

## GAZETILHA

## Audiencia extraordinaria

—Realisou-se no dia 23 do corrente, na sala da Camara, como havia sido annunciado em o numero passado d'esta folha, a audiencia extraordinaria do Meretissimo Juiz de Orphãos, para a entrega de cartas de liberdade aos escravos manumettidos pelo fundo de emancipação.

A hora aprasada e em presenca do digno Juiz de Direito da Comarca, Promotor Publico, Parocho e mais pessoas gradas do lugar foram ellas entregues em numero de doze, pelo Juiz de Orphãos dr. Assis Pacheco.

Nesse acto pronunciou S. S. uma bonita locução, na qual esternou o jubilo de que se achava possuido por ver realisado o philantropo pensamento do legistador.

Se é pesada, disse elle, a toga do magistrado, se formigam os espinhos e urzes na senda que se trilha, se muita vez tem de voltar a face ás lagrimas em obediencia aos frios dictames da lei, se grande é em fim a responsabilidade do Juiz quando tem de tractar de direitos sagrados como sejam os de liberdade e vida, ha tambem momentos, em que elle sente o borração dilatar-se no cumprimento de seus deveres, e é quando vem, como n'aquelle momento, entregar doze cartas de liberdade. Concluiu advertindo aos manumettidos que com a carta de alforria elles haviam tambem contrahido grandes obrigações para com a sociedade, e que se transgissem com os ditames do bem e do justo, te-

riam sobre suas cabeças a fria e inexoravel espada de lei.

Em segundo lugar tomou a palavra o nosso virtuoso Parocho P.º Miguel Corrêa Pacheco, e ponderou que a liberdade e a intelligencia constituíam a grandesa humana; e fôra d'ellas o homem se torna um instrumento vil de ruins paixões; que o emprego sabio d'estas facultades trará como consequencia a prosperidade e felicidade do mesmo homem: e assim combatu o vicio, erigido em principio o trabalho e a virtude, como garantia unica da liberdade, e concluiu recomendando os principios são do christianismo ou a practica do dever como meio unico de ter-se á felicidade na terra.

Fallou depois o Juiz de Direito da Comarca dr. Frederico Brotero, o qual com a fecundia que lhe é propria fez luminosas considerações sobre a lei de 28 de Setembro de 1871, interpretando a devidamente, tal como gerou-a o pensamento do legislador, afim de evitar falsos boatos e más intelligencias sobre o assumpto da mesma lei, tornando claro d'este modo que o Estado fazia-lhes um favor, uma concessão e não que tivessem os mesmos libertandos o direito de exigir essa liberdade; porquanto tendo os Senhores direitos sobre o escravo em virtude da lei, não poderia o Estado prejudicá-los dando liberdade; mas sim procurou contractar, fazer um negocio com o particular proprietario dos escravos afim de endemnisal os de prejuizo, offerecendo preços equivalentes aos mesmos.

Fez outras considerações e concluiu admoestando-os que alli onde se achavam bem perto estava das prisões onde já se ouvia o tinir das cadeas e o bater dos ferrólhos; e assim se não procedessem conforme as normas do direito e da moral, obteriam esse merecida castigo.

Por ultimo tomou a palavra o Promotor Publico da Comarca dr. Ignacio de Bulhões Jardim que, com a perfumosa linguaem que lhe é peculiar fez em rapidos e delicados traços a apologia da liberdade. Finalizando, disse elle, que depois dos luminosos discursos dos oradores que o antecederam na palavra, nada mais lhe restava fazer que abundar nas mesmas idéas, e assim concluia desejando que o pensamento do Governo se traduzia em realidade; isto é, que os novos manumettidos saibam comprehender o papel que ora vão representar na sociedade.

Com praser registamos este facto nos annaes d'este municipio, porque vem elle realisar o disposto no Regulamento que rege a materia da lei de 28 de Setembro de 1871.

Conforme declarou o Dr. Juiz de Orphãos a classificação foi feita pela respectiva Junta, sem que esta encontrasse obstaculo ou impedilio algum, antes pelo contrario, muito boa vontade em todos, e tanto isso é verdade que no accordo sobre os preços dos manumettidos com os senhores dos escravos não foi preciso faser-se arbitramento judicial, demonstrando o sr. Collector muito zelo e cumprimento de seus deveres; alforiando-se 12 pessoas, entre ellas raparigas moças e sadias, por 9:800:000

F. N.

**As Cazuarias.**—A' Illustrissima Camara Municipal pedimos, com urgencia, para mandar desentulhar o patêo do *Senhor Bom Jesus, dos toros* d'aquellas arvores que ali se achão, vedando o tranzito publico, impossibilitando a passagem de carros pelo mesmo, pondo em difficuldades os moradores para a compra de agua e lenha. Assim como houve tanta sofreguidão para derrubar aquellas bonitas e tradicionaes arvores, cujo acto mereceu a desapprovação geral dos Ituanos, e da *Imprensa* de toda a Proviñcia, que acrémente tem censurado aquelle facto, seria bom que a *Camara*, com a mesma prestesa, mandasse tirar aquellas immensas madeiras ali existentes; mandando tambem destocar e limpar aquelle patêo.

**Tribunal da Relação**—No dia 24 do corrente foi julgada por aquelle tribunal a appellação da Ex.ª Baroneza de Itapejizinga contra o Exm. Barão dos Tres-Rios; mandando a relação restituir a Exmª Baroneza a posse dos bens e cabeça do casal, sob o fundamento de ser nulla a escriptura ante-nupcial, lavrada por individuo que não constava ter tido nomeação e posse do cargo de tabelião interino.

Nada diremos sobre aquelle julgado, visto não estarmos ao facto do mesmo, somente notamos que aquelle decisão vai crear no Foro da capital grandes complicações, porque, ao que nos consta, aquelle fuccionario exerceo o cargo n'aquellas circunstancias, por muitos annos.

Em vista deste accordão devem ser nullos todos os contractos passados por aquelle Tabellião.

**Mez de Maria**—No dia 30 do corrente, na Igreja do Bom Jesus, começaram aquella solemidades como de costume, todos os annos; finalizando a 31 de Maio.

**Novos santos.**—Lê-se em um jornal da côrte:

« Dizem as folhas europeas, que brevemente o calendario será enriquecido com mais dous santos.

Vamos ter S. Chritovão Colombo e Santa Joanna d'Arc.

Nem a *Pucelle* de Orleans, nem o descobridor do Novo Mundo esperavão esta apothese!»

**Machina de escrever.**

« Em uma das ultimas sessões da sociedade de Animação da Industria Nacional, em França, foi apresentada por Laboulaye uma machina de escrever (*type imiter*) de Remington.

Estudando o mecanismo da *typewriter Journal Officiel*:

« De todos estas disposições habilmente combinadas resulta, que, após tres ou quatro dias de estudo, é possível traçar com esta machina quarenta a cincoenta palavras por minuto, entretanto que um copista, embora expedito, raro conseguirá escrever no mesmo tempo mais de vinte cinco a trinta.

Ha, pois, simultaneamente clareza e celeridade a que a mão do copista jámais conseguirá attingir, ainda que com detrimento da regularidade e legibilidade da escripta.»

**Baptisados.**—Do dia 20 á 27 do Abril baptisarão-se os seguintes:

Dia 20. Maximina, de 20 dias, filha de Joaquim Vaz Guimarães e sua mulher d. Anna Oliveira Guimarães.

Dia 21. Dululina, de 19 dias, filha de João Antonio de Oliveira e sua mulher Maria Ribeiro de Barros.

Maria, de 36 dias, filha de Caetano do Valle e sua mulher Eva da Silva.

Benedicto e Maria, de 15 dias, filhos de Rita, solteira, escrava de d. Anna Joaquina de Araujo.

Dia 22. Anna, de 2 dias, filha de Amaro Bernardo e sua mulher Francisca Lopes.

Dia 23. Antonia, de 15 dias, filha de Joaquim Mattins de Mello e sua mulher d. Maria Gabriellade Freitas Mello.

Dia 26. Theolinda, de 15 dias, filha de Francisco Ferraz de Almeida e sua mulher d. Angela Theolinda de Vasconcellos Barros.

Dia 27. Luiz, de 15 dias, filho de João Baptista Alves e sua mulher d. Maria Carolina Alves.

**Casamento.**—Do dia 20 á 27 de Abril casarão-se os seguintes.

Dia 21. Antonio Leite de Moura com Maria Theresa.

**Obituario.**—Do dia 20 á 27 de Abril sepultarão-se os seguintes cadaveres:

Dia 22. D. Marcia Augusta de Quadros Mendes, 19 annos, filha de Candido Mendes; typho.

Dia 23. Os gemeos João e José, recém nascidos, filhos de Bernardo e Balduino, escravos de Luiz d'Almeida Moura.

Dia 24. Maria, 9 dias, filha de Sará escrava da ex.ª Baronesa de Ytú; vermes.

D. Leonisia, 7 mezes, filha de Gertudes Maria da Conceição, solteira; vermes.

VARIETADES

Divagações

Não ha nada mais enfadonho, do que estar immerso em profundo silencio, vendo passar as longas e inspidas horas, sem ter-se uma distração, que venha estinguir esta soledade.

E' por este motivo que desejo conversar alguns instantes contigo, Caro Leitor. Faço desfilr diante de mim, as occurencias da semana, e infelizmente não acho nm facto condigno, para principiar a conversação. Procuro uma novidade do presente, e nas divagações em que estou engolfado, parece-me vêr o passado como um sonho.

Deus do Céu! como punge, e consola, a recordação, da quadra e pheimer, bella, e folgazã, da infancia! com que saudade se desdobra a tela desses quadros, em que estão desenhados, todos os acontecimentos, d'essa feliz idade, em que ao soido gratissimo de mil harmonias, a luz cambiante de mil illuzões, sonhão-se venturas, e sentimos um prazer ineffavel, quando vemos realizados os nossos pueris anhellos. Sim é agri doce, o lembrar-mo-nos desse tempo, em que ignoramos o que são estas futeis vaidades, estas indignas rivalidades, e contrariedades, que ha no mundo positivo.

E' por isto que eu creio, que não ha nada mais feliz do que ser poeta.

Estes entes fadados para cantar, parece que olvidão, a existencia deste mundo material.

Verdadeiros amantes da utopia, e sonhadores de chimeras, sobem n'um pedestal de illuzões: Depois, com a phantazia povoada de ridientes imagens, dizem altivos e radiantes:

Escutai-me!

E os apreciadores do sublime e do bello, extaziam-se, ao vêr o que ha de encanto e seducção, de sentimento e imaginação, nos maravilhosos arcanos da poezia.

Emquanto que os semsaborões desdenham porque são... e não sabem o quanto ha de magia, e seducção, nesta arte primorosa, que qual muzica harmonioza, tem o condão, de nos levar o espirito a regiões ignotas.

A poesia, é sempre bella e arrebatadora.

Quer sejam hymnos festivos, ou carmes indifnidos, vagos, e tristes, que nos comovem e deliciao. Igual a ella, só tem, a muzica. São duas irmãs gêmeas, que nascem do coração, e só elle as pode comprehender. Eu, amo-as a ambas: Amo-as como a gofã de orvalho que viesse no dezerto, de minh'alma, annunciar a primeira hora de um regozijo pleno.

Ao dezalento, as vezes, succede, animação.

Estava indicizo e vacilante, antes de escrever, e o enthusiasmo e admiração, fizeram-me dár um pequeno tributo de homenagem, a estas duas maravilhas, que só por fallar n'ellas, tive um linitivo, a esta tristeza, que retalha a alma, nos dezamparos d'esta solidão, sem refrigerios e sem oásis. E' porque a alma do homem, sente-se morrer, se lhe falece, o alimento espiritual, uma vez provado: E ai! d'aquelles que não conhecem esta verdade, e se deixam dominar pela cruel apathia, que bem breve veem apparecer, a noite escura do desalento.

Tristes realidades, são as necessidades da vida! Quando nos enlevamos nos extasis, scismadores, da juventude; entregamo-nos ao idealismo, vago e indifnido. Parece que nossa alma, vai lentamente deixando-nos para ir habitar as regiões ethereas. Depois...surge a penosa realidade, que nos mostra, a luz clarissima da razão, este mundo prosaico, e social, com todos os dissabores e decepções. E' neste ensejo, que nos devemos distrair no presente, buscando na leitura dos bons livros, e jornaes, um refrigerio para os tristonhos dias da velhice. Ha muita gente que despreza a leitura, e até repugna-lhe este elemento esplendido de civilização!

Eu lastimo-os porque nunca nos vemos deixar vencer a inercia, pela leitura. Não, mil vezes, não: quem lê, e estuda com satisfação, sente o ante-gosto do proveito fucturo em saber.

E o saber, é para o ignorante o mesmo que um raio de luz, vivido e gracioso, que desponta nas trevas.

A instrução, é mais bella que a flor cambiante, e mais brilhante que a luz de imenso fulgor.

A flor, se desfolha, ou murcha e perde o odor: A luz se estingue. E a instrução, é sempre brilhante.

E' ella que illumina a estrada, que vai para a morada destas maravilhas, que se chamam Philosophia, teologia, historia, e poesia.

Alto! paro qui. Descrever os prodigios da instrução, é bello, mas é arduo, para os nossos acanhados recursos.

Deixo esta missão, para aquelles, que sabem vestir as ideas de elegantes e peregrinas phrazes. Sim, porque o assumpto, é digno de palavras, que venhão entrelaçadas, a brincar e retouçar, a competencia da qual, com mais garbo, donaire ou graça, enfeita a idea e periodo.

Deixo-a a esses, que sabem acender o facho de perenal phantasia, para n'um endereço de formosissimos dizeres, mostrem o valor desta joia de subido quilate, que se chama: Instrução.

P.M.

Bitos e Scenas da roça

1.º

Um orador popular, ao chegar um grande na terra, faz um discurso estrambotico, em que começa dizendo que fora eile quem creara a terra em seos peitos, e acaba engasgado com um carogo—Quem é este homem, pergunta o personagem vizitante. —Senhor, este homem não é d'aqui: é de Caraguatatitubá.

2.º

Outro orador, ao perguntar outro grande personagem se a agua era potavel, respondeu. E' potavel mas não se carrega em potes porque quebrão muito: é barricavel.

Ah! ( disse o personagem, rindo-se) burricavel, delicioso.

3.º

Um roceiro subio por uma arvore, e desceo com a cabeça para baixo, como mico.

Então, perguntou todo ancho, não sou mesmo um bruto?

—E', não ha duvida.

4.º

Um valentão da roça bufava que não conhecia no bairro um que com elle competisse.

Chegou um outro e diz—Sr. Firmino eu venho tirar as scismas de um mulato, que até agora foi grande em bufar e apanhar. Principiemos o fandango.

—Ah! não, eu disse isso para lhe experimentar.

5.º

Um camarada, justo por um mez, zanga-se com o patrão.

—Olhe patrão, isto acaba logo, d'aqui a 29 dias eu não lhe aturo ma's.

SECÇÃO LIVRE

A morte.

(SONETO)

Goivos murchos cobertos de negroses ornam-me a fronte pallida e nevada; minha tunica d'estrellas é bordada, minha voz causa horror... e mais horrores!

Negra filha da noite!... nascem dores do meu riso, da bocca tão gellada, mas qu'importa a vida, horrores... nada si levo o morto ao imperio dos amores.

E assim, ó bardo, si aqui andas sismando sem futuro, sem amor, sem esperança, vem! dou-se em meu serio asylo brando.

Levar-te-hei á morada de bonança junto ao cypreste dormirás sonhando com a Laura gentil, linda creança.

H. COSTA.

EDITAL

O Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, Juis de Orphãos d'esta cidade de Ytú e seo Termo.

Faço saber a todos que o presente Edital virem que em audiencia extraordinaria d'este Juizo, no dia 23 do corrente, na sala da Camara, como foi publicado em Edital, teve lugar a entrega das cartas de liberdade aos 12 escravos manumetidos pelo fundo de emancipação, sendo os mesmos os seguintes que vão especificados com os nomes dos senhores etc.—Eva, preta, 39 annos, cosinheira, mulher de Thomaz, escrava de José Galvão d'Almeida.—Anna, fula, 44 annos, casada, serviço de roça, mulher de Germano, escrava de D. Anna Galvão da Fontoura.—Maria, preta, 36 annos, casada, serviço de roça, mulher de Pedro, escrava de D. Theolinda Augusta de Souza.—Rita, preta, 44 annos, cosinheira, casada mulher de Antonio, escrava de D. Theresa de Jesus Xavier.—Filhos deste casal.—Nicolina, Ambrosina, Escolastica, e José.—Benedicta, mulata, 32 annos, casada, mulher de Candido, escrava de Felipe de Paula Bauer.—Filhos deste casal.—Marinha, Antonio, e Ignacio.

Na forma da lei mandei afixar este Edital que será publicado pela Imprensa afim de chegar ao conhecimento de quem interesse tiver.

Cidade Ytú, aos 23 de Abril de 1877 Eu José Francisco da Costa escrivão o escrevi—Francisco do Assis Pacheco Junior.

COMMERCIO

MOVIMENTO DO MERCADO

Table with 2 columns: Item and Price. Items include Feijão, Farinha de milho, Arroz limpo, Milho, Porvilho, Batatinhas inglesas, Batata doce, Queijos de Minas, Sal, Toucinho, Assucar alvo, Aguardente, Café superior, Fumo bom, Algodão em rama, Carne de vacca, Carne de porco, Ovos, Frangos, Leitões.

ANNUNCIOS



+++

A Meza da Irmandade da Santa Casa de Mizericordia, desta cidade, faz celebrar, no dia 15 de Maio proximo futuro, primeiro anniversario do fallecimento do muito Reverendo Frei Bartholomeu Marques, uma missa por sua alma as 8 horas da manhã.

Convlda-se portanto aos irmãos da referida irmandade e os amigos do finado para assistirem a esse acto.

O Secretario,

Agostinho de Souza Neves.

Advertisement for Ignacio Soares de Bulhões Jardim, Advogado, Rua da Palma N. 42. Includes the logo 'YTU'.

Large vertical advertisement for 'NÃO LHEIÃO' (Do Not Burn) with decorative border and text describing a product for heat relief.

# LIQUIDAÇÃO

José Vaz Guimarães, pelo presente declara que desta data em diante fica encarregado de suas cobranças, o seu sobrinho João Baptista Guimarães, pede á todas as pessoas q' lhes são devedores o favor de virem liquidal-as quanto antes.

Ytú 26 de Abril de 1877.

## YTU FABRICA DE

## BEBIDAS

Na Rua de S. Cruz N. 53.

JOSE JOAQUIM LEITE DE ALMEIDA

Faz sciente ao respeitavel publico desta cidade que faz em sua fabrica as seguintes bebidas, como seião :

ANIZ, REINO

e

## LICOR

O mesmo recebe em mo para fóra. Isto las tanto para esta cidade como para fóra. Isto com restilação

# TYPOGRAPHIA

DA

" IMPRENSA YTUANA "

**N**esta typographia apromta-se com brevidade qualquer encomenda como seião : Cartas de convite para casamento, cartas de enterro, cartões de visitas, talões de recibos, circulares, cartazes para loja, programma para theatro, rotulos para diversas bebidas, disticos para taboletas etc. Por preço commodos.

## YTU'

### LARGO DO CARMO

## ATENÇÃO

### CASA DE ALUGUEL

Aluga se uma casa, por modico preço, na travessa da quitanda, em frente ao armazem, que foi padaria do Leão. Esta casa tem excellentes armação para armasom, e commodos no interior, e um bom quintal, lugar muito afreguezado.

Quem pretende-la, pode derigir-se ao seu proprietario a rua de Santa Rita n. 44.

Quem achot-a, entregando a seu dono, Rua diréta n.º 20, receberá gratificação, se exigir. Protesta-se contra quem occultal-a.

ELEGANTE SORTIMENTO DE  
**ESPELHOS**  
*de forma oval e outros feitios*  
ESCOLHA VARIADA DE  
**QUADROS**  
A OLEO EM FUMO OU AQUARELLA  
PARA ADORNÓ  
de Salas de visitas, etc  
**CASA AL. GARRAUX**  
S. PAULO  
RUA DA IMPERATRIZ, 38 e 40

VARIADO SORTIMENTO DE  
**BURRAS DE FERRO**  
PROVA DO FOGO  
PARA  
CASAS PARTICULARES  
Commerciães e Bancarias  
**AL. GARRAUX**  
S. PAULO  
RUA DA IMPERATRIZ, 38 e 40

## ATENÇÃO Joaquim Elias Galvão de Barros. DENTISTA

23—RUA DO PATROCINIO—23

Assenta dentaduras artificiaes por todo, os systemas ate hoje conhecido, tanto em chapa de ouro, como a vulcanit, desde um dente até 28 e com especialidade dentaduras inteiras e faz tudo que diz respeito a sua arte.

Garante a perfeição do seu trabalho. 3—8

**ADVOGADO**  
O Dr. Manoel Firmino Peireira Jorge tem aberto o seo escritorio de advocacia, na casa de sua residencia á rua do Commercio n. 56, pavimento terreo, das dez horas da manhã ás tres da tarde, em dias uteis. 9—9

## ATENÇÃO

Perdeu-se no dia de Ressurreição, 1.º do corrente mez, n'uma das Ruas desta cidade uma pulseira de coral.